O APARTAMENTO DE PARIS

LUCY FOLEY

intrínseca

O apartamento de Paris

Lucy Foley

Tradução de Marina Vargas

intrínseca

Copyright © 2022 by Lost and Found Books Ltd.
Proibida a venda fora do território nacional.

TÍTULO ORIGINAL
The Paris Apartment

COPIDESQUE
Nina Lopes

PREPARAÇÃO
Marcela Ramos

REVISÃO
Carolina Vaz
Marina Albuquerque

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA
Grace Han

FOTO DE CAPA
Elisabeth Ansley/ Trevillion Images

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Henrique Diniz

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F699a

Foley, Lucy, 1986-
O apartamento de Paris / Lucy Foley ; tradução Marina Vargas. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.

Tradução de: The Paris apartment
ISBN 978-65-5560-451-1

1. Ficção inglesa. I. Vargas, Marina. II. Título.

22-77217 CDD: 823
CDU: 82-3(410.1)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2022]
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

PRÓLOGO

Sexta-feira

BEN

Seus dedos pairam sobre o teclado. Precisa contar tudo. Essa é a história que vai torná-lo famoso. Ben acende outro cigarro, um Gitanes. É meio clichê fumar ali, mas ele realmente aprecia o sabor. E, sim, é verdade, também gosta de si mesmo fumando.

Ele está sentado diante das janelas altas do apartamento, que dão para o pátio interno. Tudo lá fora está mergulhado na escuridão, exceto pela tênue luz esverdeada de uma única lâmpada. É um belo edifício, mas há algo podre em seu interior. E agora que ele descobriu, sente o fedor da podridão por toda parte.

Precisa sair logo dali. Não é mais bem-vindo naquele lugar. Jess não poderia ter escolhido um momento pior para decidir vir passar um tempo. Ela o avisou praticamente em cima da hora. E não deu muitos detalhes pelo telefone, mas é óbvio que aconteceu alguma coisa; algo deu errado em seja qual for a porcaria de bar em que ela está trabalhando. Sua meia-irmã tem o dom de aparecer sem ser convidada. Ela é um ímã de problemas: parece atraí-los aonde quer que vá. Nunca foi boa em apenas *seguir as regras do jogo*. Nunca entendeu como a vida fica mais fácil quando a gente simplesmente dá às pessoas o que elas querem, diz a elas o que desejam ouvir. É verdade que ele tinha

dito que ela podia passar um tempo ali "quando quisesse", mas não estava falando sério. Era típico de Jess interpretar ao pé da letra tudo o que ele dizia.

Quando tinha sido a última vez que a vira? Sempre se sentia culpado quando pensava nela. Deveria ter sido mais presente, ter cuidado dela…? Jess é frágil. Ou melhor… não exatamente frágil, mas vulnerável de uma forma que as pessoas não percebem de início. Um "tatu": vulnerável sob a casca grossa.

Enfim, deveria ligar para ela, dar algumas instruções. Como ela não atende, ele deixa uma mensagem de voz:

— Oi, Jess, é o número doze da Rue des Amants. Está bem? Terceiro andar.

Seus olhos são atraídos por um vislumbre de movimento lá embaixo, sob as janelas. Alguém está cruzando o pátio depressa. Quase correndo. Ele só avista uma silhueta indistinta, não consegue identificar quem é. Mas há algo estranho na velocidade com que a pessoa anda. Ele é invadido por um leve pico de adrenalina animalesca.

Então se lembra de que ainda está gravando a mensagem de voz e desvia o olhar da janela.

— É só tocar o interfone. Vou estar acordado esperando você…

Ele para de falar. Hesita, escuta.

Um barulho.

Som de passos no corredor… se aproximando da porta do apartamento.

Os passos param. Tem alguém ali, bem do lado de fora. Ele fica esperando uma batida na porta. Nada. Silêncio. Mas é um silêncio pesado, como se prendessem a respiração. Estranho.

E então outro som. Ele fica parado, alerta, ouvindo atentamente. De novo. É metal contra metal, uma chave entrando na fechadura. Em seguida, o clique da chave se encaixando no miolo. Ele vê o trinco deslizar. Alguém está destrancando sua porta pelo lado de fora. Alguém que tem uma chave, mas que não deveria entrar ali sem ser convidado.

A maçaneta começa a se mover para baixo. A porta vai se abrindo, com aquele rangido prolongado familiar.

Ele coloca o celular na bancada da cozinha, a mensagem de voz esquecida. Espera e observa em silêncio a porta se abrir. A silhueta entra na sala.

— O que você está fazendo aqui? — pergunta ele. Calmo, ponderado. Nada a esconder. Nada a temer. Pelo menos ainda não. — E por que…

Então ele vê o que o intruso está segurando.

Agora. Agora vem o medo.

Três horas depois

JESS

Pelo amor de Deus, Ben. Atende esse telefone. Estou congelando até a alma aqui fora. Meu trem atrasou duas horas para sair de Londres; eu deveria ter chegado às dez e meia, mas já passa da meia-noite. E está muito frio, mais frio aqui em Paris do que em Londres. Ainda estamos no fim de outubro, mas minha respiração se condensa no ar e meus dedos dos pés estão dormentes dentro das botas. Que loucura pensar que apenas algumas semanas atrás estávamos no meio de uma onda de calor. Preciso de um casaco decente. Mas sempre precisei de muitas coisas que nunca vou ter.

Já liguei para Ben umas dez vezes: enquanto meu trem chegava, e durante a caminhada de meia hora da Gare du Nord até aqui. Nada. E ele não respondeu a nenhuma das minhas mensagens. Obrigada por nada, irmãozão.

Ele disse que ia estar em casa para abrir a porta para mim. "É só tocar o interfone. Vou estar acordado esperando você…"

Bem, aqui estou. Aqui, no caso, é uma rua de paralelepípedos sem saída, mal iluminada, no que parece ser um bairro superelegante. O prédio residencial à minha frente fica no fim da rua, isolado.

Olho para a rua vazia. Ao lado de um carro estacionado, a uns cinco metros de distância, acredito ver sombras se movendo. Dou um passo para o

lado, para tentar enxergar melhor. Tem um… Eu aperto os olhos, tentando identificar o vulto. Poderia jurar que havia alguém ali, agachado atrás do carro.

Levo um susto quando uma sirene soa a algumas ruas de distância, estridente em meio ao silêncio. Ouço o som se dissipando noite adentro. É diferente das sirenes de onde moro — "ió-ió, ió-ió", como a imitação de uma criança —, mas ainda assim faz meu coração acelerar um pouco.

Olho novamente para a área sombreada atrás do carro estacionado. Agora não consigo distinguir nenhum movimento, nem mesmo enxergar o vulto que pensei ter visto de relance. Talvez tenha sido só uma ilusão de ótica no fim das contas.

Observo o prédio. Os outros edifícios da rua são lindos, mas este se destaca. Fica afastado da calçada, atrás de um grande portão com um muro alto, escondendo o que deve ser um jardim ou um pátio. Cinco ou seis andares, janelas enormes, todas com sacadas de ferro forjado. A grande extensão de hera que cresce desordenadamente por toda a fachada parece uma mancha escura rastejante. Esticando o pescoço, vejo algo que talvez seja um jardim no terraço lá no alto, as silhuetas pontiagudas das árvores e dos arbustos recortadas contra a escuridão do céu.

Verifico de novo o endereço. Número doze, Rue des Amants. Definitivamente estou no lugar certo. Ainda não acredito que Ben está morando nesse prédio chique. Ele disse que um amigo o ajudou a arranjar o apartamento, alguém dos tempos de faculdade. Mas Ben sempre se dá bem no fim das contas. Acho que faz todo o sentido ele ter usado seu charme para conseguir um lugar como este. E só pode ter sido seu charme. Eu sei que jornalistas provavelmente ganham mais do que garçonetes, mas não tanto assim.

No portão de metal à minha frente há uma aldrava de latão no formato da cabeça de um leão mostrando as presas, com um anel de metal grosso preso na boca. Noto que acima do portão há uma sucessão de pontas de lança antiescalada e, dos lados, cacos de vidro incrustados ao longo de todo o muro. Essas medidas de segurança não combinam muito com a elegância do prédio.

Levanto a aldrava, fria e pesada, e a deixo cair. O barulho do metal ecoa nos paralelepípedos, muito mais alto do que o esperado nesse silêncio. Na verdade, está tão silencioso e escuro aqui fora que é difícil imaginar que este lugar faça parte da mesma cidade que atravessei esta noite depois de sair da Gare du Nord: toda aquela luz e aquela multidão, pessoas entrando e saindo de restaurantes e bares. Penso na área ao redor daquela enorme catedral ilu-

minada na colina, a Sacré-Coeur, por onde passei apenas vinte minutos atrás: vários turistas tirando selfies misturados com sujeitos de aparência duvidosa e casacos acolchoados, prontos para furtar algumas carteiras. E as ruas que percorri, com letreiros em neon, música alta, restaurantes abertos a noite toda, pessoas saindo dos bares, filas nas portas das boates. Aqui é um universo diferente. Olho para a rua atrás de mim: nenhuma vivalma à vista. O único som real vem de alguns galhos de hera morta nos paralelepípedos. Ouço o barulho do tráfego ao longe, as buzinas dos carros… mas até mesmo eles soam abafados, como se não ousassem invadir este mundo elegante e silencioso.

Não parei para pensar muito enquanto puxava minha mala da estação até o outro lado da cidade. Estava concentrada em não ser assaltada nem deixar que a rodinha quebrada se prendesse e me desequilibrasse. Mas agora, pela primeira vez, cai a ficha: estou em Paris. Uma cidade diferente, um país diferente. Eu consegui. Deixei minha antiga vida para trás.

Uma luz se acende em uma das janelas do prédio. Ergo o olhar e noto um vulto parado na janela, apenas a cabeça e os ombros. Ben? Se fosse ele, acenaria para mim, com certeza. Sei que devo estar iluminada pelo poste aqui do lado. Mas a silhueta na janela fica imóvel como uma estátua. Não consigo distinguir nenhuma característica, nem mesmo se é um homem ou uma mulher. Mas o vulto está me observando. Só pode estar. Imagino que eu deva parecer bem estropiada e deslocada, com minha mala velha quebrada ameaçando se abrir, não fosse pela corda amarrada em torno dela. É estranho saber que a pessoa na janela pode me ver, mas eu não consigo vê-la direito. Baixo os olhos.

Ahá. À direita do portão, encontro um pequeno painel com botões para os diferentes apartamentos e uma câmera acoplada. A grande aldrava com cabeça de leão deve ser só enfeite. Dou um passo à frente e aperto o apartamento do Ben, no terceiro andar. Espero sua voz crepitar pelo interfone.

Nada.

SOPHIE

Cobertura

Alguém está batendo no portão do prédio. Alto o suficiente para Benoit, meu cachorro, um whippet cinza, se sobressaltar e começar a latir sem parar.

— *Arrête ça!* — grito. — Pare com isso.

Benoit choraminga, mas fica quieto em seguida. Ele olha para mim, com os olhos escuros confusos. Percebo a mudança em minha voz também: muito estridente, muito alta. E, no silêncio que se segue, ouço minha respiração apreensiva e superficial.

Ninguém usa a aldrava. Pelo menos, ninguém familiarizado com o prédio. Vou até as janelas que dão para o pátio. Não consigo ver a rua daqui, mas a porta da frente leva ao pátio, então, se alguém tivesse entrado, eu veria. Ninguém apareceu, e já deve fazer alguns minutos desde a batida. Obviamente, a concierge achou melhor não deixar a pessoa entrar. Ótimo. Melhor assim. Nunca gostei muito daquela mulher, mas sei que posso confiar nela pelo menos para isso.

Em Paris, podemos morar no apartamento mais luxuoso de todos, e ainda assim a escória da cidade aparece na nossa porta de vez em quando. Os drogados, os vagabundos, as putas. Pigalle, o distrito da luz vermelha, não fica muito longe, bem aos pés de Montmartre. Aqui, nesta fortaleza multimilionária com vista para os telhados da cidade até a Torre Eiffel, sempre me senti

relativamente segura. Posso ignorar a sujeira debaixo do tapete. Sou boa em fazer vista grossa. Em geral. Mas hoje à noite é… diferente.

Ando até o espelho pendurado no corredor e me olho. Presto muita atenção ao que vejo. Nada mal para uma cinquentona. Isso se deve em parte ao fato de eu ter adotado o costume francês no que diz respeito a manter minha *forme*. Ou seja, basicamente, viver com fome. Sei que mesmo a esta hora estarei impecável. Com o batom perfeito. Nunca saio de casa sem ele. Chanel, "La Somptueuse": é a minha cor. Um tom frio de vermelho, imponente, que grita "afaste-se", "não se aproxime". Mantenho meu cabelo preto e brilhoso em um corte chanel, retocado a cada seis semanas no salão de David Mallet na Rue Notre Dame des Victoires. A simetria é perfeita, qualquer fio branco, meticulosamente tingido. Jacques, meu marido, deixou bem claro uma vez que abomina mulheres que ficam grisalhas. Embora ele nem sempre esteja aqui para admirá-lo.

Estou vestindo o que considero meu uniforme. Minha armadura. Camisa de seda da Equipment, calça justa e escura, de corte primoroso. Um lenço — Hermès, de seda, com estampa de cores vivas — em volta do pescoço, excelente para esconder os estragos do tempo na pele delicada; um presente que ganhei recentemente de Jacques, com seu amor pelas coisas belas. Como este apartamento. Como eu, antes de ter a desfaçatez de envelhecer.

Perfeita. Como sempre. Como esperado. Mas me sinto suja. Manchada pelo que tive de fazer esta noite. No espelho, meus olhos brilham. O único sinal. Embora meu rosto também esteja um pouco magro… olhando de perto. Estou ainda mais magra do que o normal. Recentemente, não tenho precisado controlar minha dieta, marcar com cuidado cada taça de vinho ou pedacinho de croissant. Não sei dizer o que comi no café da manhã; nem mesmo se me lembrei de comer. A cada dia, minhas roupas ficam mais largas na cintura, meu esterno se sobressai de forma mais acentuada.

Desfaço o nó do lenço. Sei amarrar um lenço tão bem quanto qualquer pessoa nascida e criada em Paris. Qualquer um acharia que sou uma daquelas mulheres elegantes e endinheiradas, com cachorrinhos de excelente pedigree.

Olho para a mensagem que mandei para Jacques ontem à noite. Bonne nuit, mon amour. Tout va bien ici. *Boa noite, meu amor. Está tudo bem por aqui.*

Está tudo bem por aqui. RÁ.

Não sei como as coisas chegaram a esse ponto. Mas sei que tudo começou com a vinda dele para cá. Com sua mudança para o terceiro andar. Benjamin Daniels. Ele destruiu tudo.

JESS

Pego meu celular. Da última vez que verifiquei, Ben não havia respondido a nenhuma das minhas mensagens. Uma no trem: Estou a caminho! Depois: Na Gare du Nord! Você tem conta no Uber?!!! Para o caso de, sei lá, de repente ele estar se sentindo generoso o suficiente para mandar um carro me buscar. Valia a pena tentar.

Há uma nova mensagem no meu celular. Só que não é do Ben.

Sua vadiazinha. Acha que vai conseguir se safar do que fez?

Merda. Minha garganta fica subitamente seca. Apago a mensagem. Bloqueio o número.

Como eu disse, foi tudo meio de última hora, vir para cá. Ben não pareceu muito animado quando liguei para ele mais cedo e disse que estava a caminho. É verdade que não dei muito tempo para ele se acostumar com a ideia. Mas, no fim das contas, sempre tive a sensação de que o vínculo entre nós é mais importante para mim do que para meu meio-irmão. Sugeri que passássemos o Natal passado juntos, mas ele disse que estava ocupado. "Esquiando", justificou. Eu não tinha ideia de que ele sabia esquiar. Às vezes, até parece que Ben

tem vergonha de mim. Eu represento o passado, e ele preferiria cortar todos os laços com essa época.

Tive de explicar que estava desesperada. "Se tudo der certo, vai ser só por um mês ou dois, e eu vou pagar pela minha estadia", avisei. "Assim que eu me ajeitar, vou arranjar um emprego." Isso. Um emprego onde não façam muitas perguntas. É assim que você acaba indo parar nos lugares onde trabalhei, afinal não há muitos estabelecimentos dispostos a aceitar uma pessoa com referências tão caóticas quanto as minhas.

Até hoje à tarde eu tinha um emprego lucrativo no bar Copacabana, em Brighton. As ocasionais gorjetas generosas compensavam. Um grupo, digamos, de banqueiros babacas, vindo de Londres para celebrar o futuro casamento de um Dick, Harry ou Tobias, e bêbados demais para contar as notas corretamente — ou talvez, para esses sujeitos, sejam só uns trocados mesmo. Mas, de hoje em diante, estou desempregada. De novo.

Toco o interfone uma segunda vez. Nada. Todas as janelas do prédio estão escuras novamente, até mesmo a que tinha se iluminado. Pelo amor de Deus. Ele não pode ter ido dormir e se esquecido completamente de mim… pode?

Abaixo de todos os outros botões, há um separado: "Concierge" está escrito em uma letra cursiva cheia de firulas. Como em um hotel: mais uma prova de que este lugar é realmente sofisticado. Pressiono o botão e espero. Nada. Mas não posso deixar de imaginar alguém olhando para uma pequena imagem minha em vídeo, avaliando e então decidindo não abrir.

Levanto a aldrava pesada novamente e bato várias vezes na madeira. O som ecoa pela rua: alguém vai ouvir. Ouço um cachorro latindo em algum lugar dentro do prédio.

Espero cinco minutos. Ninguém aparece.

Merda.

Não posso pagar um hotel. Não tenho dinheiro suficiente para a viagem de volta a Londres e, mesmo se tivesse, não posso voltar, de jeito nenhum. Considero minhas opções. Ir para um bar… e esperar?

Ouço passos atrás de mim ecoando pelos paralelepípedos. Ben? Eu me viro, pronta para ouvir suas desculpas, de que deu só uma saidinha para comprar cigarro ou algo assim. Mas não é ele. É um sujeito bem alto e corpulento, todo coberto por uma parca com capuz de pelo na borda. Ele avança com pressa em minha direção, com um ar decidido. Seguro a alça da minha mala com um pouco mais de força. Literalmente tudo o que tenho está aqui dentro.

O cara está a apenas alguns metros de distância agora, perto o suficiente para que, à luz do poste, eu veja o brilho dos seus olhos sob o capuz. Ele coloca a mão no bolso e tira algo que me faz dar um passo para trás instintivamente. E então vejo. Um objeto afiado e metálico brilhando em sua mão.

CONCIERGE

Portaria

Pela tela do interfone, observo a desconhecida no portão. O que será que está fazendo aqui? Ela toca o interfone de novo. Deve estar perdida. Eu sei, só de olhar para ela, que essa mulher não deveria estar aqui. Se bem que ela parecer ter certeza de que este é o lugar que está procurando, tão determinada. Agora ela olha para a câmera. Não vou deixá-la entrar. Não posso.

Eu sou a guardiã deste prédio. Sentada aqui na minha *loge*: um cubículo no canto do pátio, talvez vinte vezes menor que os apartamentos acima de mim. Mas é meu, pelo menos. Meu espaço privado. Minha casa. A maioria das pessoas não o consideraria digno desse nome. Se me sentar na cama dobrável, posso tocar quase todos os cantos do quarto de uma vez. Há infiltrações no chão e no telhado, e as janelas não protegem do frio. Mas há quatro paredes. Um lugar para eu colocar minhas fotos, os ecos de uma vida que já vivi, as pequenas relíquias que coletei e às quais me apego quando me sinto muito só; e as flores que colho no jardim do pátio todas as manhãs, para que haja algo fresco e vivo aqui dentro. Este lugar, com todos os seus problemas, representa segurança. Sem ele, não tenho nada.

Olho novamente para o rosto na tela do interfone. Quando a luz a ilumina, noto algo familiar: a linha acentuada do nariz e da mandíbula. Mais do que

sua aparência, no entanto, há algo na maneira como ela se move, como olha ao redor. Um jeito ávido e traiçoeiro que me lembra outra pessoa. Mais uma razão para não deixá-la entrar. Não gosto de estranhos. Não gosto de mudanças. Mudanças sempre foram perigosas para mim. Ele provou isso: vindo para cá com suas perguntas, seu charme. O homem que se mudou para o apartamento do terceiro andar: Benjamin Daniels. Depois que ele apareceu, tudo mudou.

JESS

Ele continua vindo na minha direção, o sujeito de parca. E está levantando o braço. O metal da lâmina brilha novamente. Merda. Estou prestes a me virar e correr, me afastar alguns metros, pelo menos…

Mas espere, não, *não*… Agora consigo perceber que o objeto em sua mão não é uma lâmina. É um iPhone com uma capinha metálica. Solto a respiração e me apoio na mala, completamente inundada por uma onda repentina de cansaço. Passei o dia todo elétrica, não é de surpreender que eu esteja me assustando com sombras.

Observo o sujeito fazer uma ligação. Percebo uma vozinha do outro lado da linha; uma voz de mulher, acho. Então ele começa a falar por cima dela, cada vez mais alto, até gritar. Não tenho ideia do que as palavras significam, mas não preciso saber muito francês para entender que não é um bate-papo educado ou amigável.

Depois de pôr o discurso longo e raivoso para fora, ele desliga o celular e o coloca de volta no bolso. Então dispara uma única palavra: "*Putain*."

Essa eu conheço. Tirei uma nota sofrível na minha prova de francês no ensino médio, mas uma vez pesquisei todos os palavrões e sou boa em lembrar o que me interessa. *Vadia*: é isso que significa.

Agora ele se vira e volta a se aproximar. Vejo, com bastante clareza, que deseja apenas usar o portão do prédio. Eu me afasto, sentindo-me uma completa idiota por ter ficado tão tensa por nada. Mas faz sentido; passei a viagem de trem toda olhando para trás. Sei lá, só por precaução.

— *Bonsoir* — digo com meu melhor sotaque e meu sorriso mais cativante.

Talvez esse cara me deixe entrar e eu consiga chegar até o terceiro andar para bater na porta do Ben. Talvez o interfone do meu irmão só não esteja funcionando ou algo assim.

O sujeito não responde. Simplesmente se vira para o teclado ao lado do portão e digita uma sequência de números. Por fim, olha para mim de relance por cima do ombro. Não é um olhar *muito* amigável. Sinto um bafo de bebida, rançoso e azedo. O mesmo hálito da maioria dos clientes do Copacabana.

Sorrio de novo.

— Err… *excuse-moi*? Por favor, é… Preciso de ajuda, estou procurando meu irmão, Ben, Benjamin Daniels…

Eu gostaria de ter um pouco mais do talento de Ben, um pouco mais do charme dele. "Benjamin Fala Doce", como mamãe o chamava. Ele sempre encontrava uma maneira de convencer qualquer um a fazer o que ele queria. Talvez por isso tenha se tornado jornalista em Paris enquanto eu estava trabalhando para um cara carinhosamente apelidado de Tarado em uma espelunca em Brighton, servindo bebidas em despedidas de solteiro, nos fins de semana, e a escória local, nos dias de semana.

O sujeito se vira lentamente para mim.

— Benjamin Daniels — diz ele. Não é uma pergunta, apenas o nome, repetido. Identifico alguma coisa: raiva ou talvez medo. Ele sabe de quem estou falando. — Benjamin Daniels não está aqui.

— Como assim "não está aqui"? Foi esse o endereço que ele me deu. Ele mora no terceiro andar. Não estou conseguindo falar com ele.

O homem me dá as costas. Eu o observo abrir o portão. Por fim, ele se vira para mim pela terceira vez, e eu penso que talvez vá me ajudar, afinal. Então, em um inglês com sotaque, muito alto e lentamente, ele diz:

— Cai fora daqui, *garota*.

Antes mesmo que eu tenha tempo de responder, ouço um barulho metálico e pulo para trás. Ele bateu o portão bem na minha cara. Depois que o zumbido nos meus ouvidos se dissipa, fico apenas com o som da minha respiração alta e acelerada.

Mas ele me ajudou, mesmo sem saber. Espero um momento, dou uma espiada na rua, então levo a mão ao teclado e digito os mesmos números que o vi digitar há apenas alguns segundos: 7561. Bingo! A luzinha verde pisca, e ouço o mecanismo do portão se abrir. Puxando minha mala, eu entro.

MIMI

Quarto andar

Merde.

Acabei de ouvir o nome dele, lá fora, no meio da noite. Ergo a cabeça e escuto. Por algum motivo, estou em cima das cobertas, não embaixo. Meu cabelo está úmido, o travesseiro, frio e encharcado. Eu tremo.

Será que estou ouvindo coisas? Será que imaginei? O nome dele… me seguindo por toda parte?

Não, tenho certeza de que foi real. A voz de uma mulher subindo pela janela aberta do meu quarto. De alguma forma, eu a ouvi daqui do quarto andar. E de alguma forma, eu a ouvi através do ruído branco chiando dentro da minha cabeça.

Quem é ela? Por que está perguntando por ele?

Eu me sento, puxando os joelhos ossudos com força contra o peito, e pego meu *doudou* da infância, *Monsieur* Gus, um pinguim de pelúcia velho e surrado que ainda deixo ao lado do travesseiro. Eu o pressiono no rosto e tento me confortar com a sensação de sua cabecinha dura, com o aperto suave e maleável das bolinhas dentro de seu corpo, com o cheiro de mofo. Da mesma maneira que fazia quando era pequena e tinha um pesadelo. *Você não é mais uma garotinha, Mimi*. Ele disse isso. Ben.

A lua está tão brilhante que meu quarto inteiro está inundado por uma luz azul fria. É quase lua cheia. No canto, vejo minha vitrola, a caixa de vinis ao lado. Pintei as paredes aqui dentro de um azul tão escuro que elas não refletem nenhuma luz, mas o pôster pendurado à minha frente parece cintilar. É uma fotografia de Cindy Sherman; fui a uma exposição dela no Pompidou ano passado. Fiquei completamente obcecada com quão puro, esquisito e intenso é o trabalho dela: o tipo de coisa que tento fazer com a minha pintura. No pôster, em uma imagem da série *Untitled Film Stills*, ela está usando uma peruca preta curtinha e olha para você como se estivesse possuída, ou como se fosse devorar sua alma. "*Putain*!", disse minha colega de apartamento, Camille, rindo, quando viu o pôster. "E se você trouxer algum cara para cá? Ele vai ter que olhar para essa vadia raivosa enquanto vocês trepam? Assim ele vai brochar."

Até parece, pensei na hora. *Dezenove anos e ainda virgem. Pior. Uma virgem que estudou em um colégio de freiras.*

Encaro Cindy, com olheiras escuras parecendo hematomas embaixo dos olhos e a base irregular do cabelo, que lembra um pouco o meu desde que peguei uma tesoura e cortei. É como me olhar no espelho.

Eu me viro para a janela e olho para o pátio. As luzes estão acesas no cubículo da concierge. Claro, aquela velha intrometida não deixa nada passar, saindo sorrateiramente de cantos escuros, sempre à espreita, sempre ali. Olhando para você como se soubesse de todos os seus segredos.

O prédio tem a forma de um U em torno do pátio. Meu quarto fica em uma das extremidades; então, se olhar na diagonal para baixo, consigo ver o apartamento dele. Durante os últimos dois meses, ele passava praticamente todas as noites sentado em sua mesa trabalhando até altas horas, com as luzes acesas. Por apenas um momento, me permito olhar. As venezianas estão abertas, mas as luzes estão apagadas e o espaço atrás da mesa parece mais do que vazio, como se o próprio vazio tivesse certa profundidade e peso. Desvio o olhar.

Deslizo para fora da cama e vou na ponta dos pés até a sala de estar, tentando não tropeçar em todas as coisas que Camille deixa espalhadas, como se ali fosse uma extensão do seu quarto: revistas e suéteres jogados, xícaras de café sujas, vidros de esmalte, sutiãs de renda. Das janelas grandes daqui, tenho uma visão direta da entrada da frente. Enquanto observo, o portão se abre. Um vulto entra sorrateiramente. Quando chega a uma área iluminada, consigo

distingui-lo: uma mulher que nunca vi. *Não*, digo sem emitir som. *Não, não, não, não, não. Vá embora.* O chiado na minha cabeça fica mais alto.

— Você ouviu as batidas?

Eu me viro. *Putain*. Camille está deitada no sofá, com um cigarro aceso na mão, as botas no apoio de braço: pele de cobra sintética, salto doze. Quando ela chegou? Há quanto tempo está ali, à espreita no escuro?

— Pensei que você tivesse saído — digo.

Quando vai para a balada, ela costuma voltar só depois do amanhecer.

— *Oui*. — Ela dá de ombros e traga o cigarro. — Cheguei faz só vinte minutos.

Mesmo no escuro, vejo como ela desvia o olhar. Normalmente, emendaria direto com alguma história sobre a nova boate insana aonde foi, ou sobre ter acabado de sair da cama de algum cara, incluindo uma descrição detalhada demais do pau ou das habilidades sexuais dele. Muitas vezes, tenho a sensação de estar vivendo através de Camille. Sou grata por alguém como ela escolher conviver comigo. Quando nos conhecemos, na Sorbonne, ela me disse que gosta de colecionar pessoas e que se interessou por mim porque eu tenho uma "energia intensa". Mas nos momentos em que me sinto pior em relação a mim mesma, suspeito que este apartamento tenha mais a ver com isso.

— Onde você estava? — pergunto, tentando soar quase normal.

Ela dá de ombros.

— Por aí.

Sinto que tem alguma coisa acontecendo com ela, alguma coisa que ela não está me contando. Mas, neste exato momento, não consigo pensar em Camille. O chiado na minha cabeça de repente parece prestes a abafar todos os meus pensamentos.

Só sei de uma coisa. Tudo que aconteceu aqui foi por causa dele: Benjamin Daniels.

JESS

Estou parada em um pátio pequeno e escuro. O prédio residencial se prolonga para ambos os lados. A hera cresceu completamente fora de controle aqui, chegando quase ao quarto andar, cercando janelas, engolindo calhas e algumas antenas parabólicas. À frente, um curto caminho serpenteia entre canteiros de flores com arbustos e árvores escuras. Sinto o cheiro adocicado de folhas mortas, terra recém-revolvida. À minha direita, há uma construção semelhante a um chalé minúsculo, pouco maior do que um daqueles galpões com ferramentas de jardinagem. As duas janelas parecem estar fechadas. De um dos lados, há uma pequena réstia de luz saindo por uma fresta.

No canto oposto, vejo uma porta que deve levar à área principal do prédio. Sigo nessa direção. Nesse meio-tempo, um rosto pálido surge de repente na escuridão à minha direita. Paro abruptamente. Mas é só a estátua de uma mulher nua, em tamanho real, o corpo coberto por mais hera negra e os olhos vidrados e vazios.

Para abrir a porta no canto do pátio, é preciso digitar mais uma senha, mas a combinação de antes funciona, graças a Deus. Passo pela soleira e adentro um espaço escuro e cheio de eco. Uma escada caracol leva para uma escuridão ainda mais densa no andar de cima. Noto o brilhinho laranja de um

interruptor na parede e aperto. As luzes se acendem vagamente com um zumbido. Um tique-taque: algum temporizador para economizar energia, talvez. Vejo agora que há um tapete vermelho-escuro sob meus pés, cobrindo o chão de pedra e subindo pela escada de madeira polida. Acima de mim, o corrimão dá voltas em si mesmo, e no vão interior da escada há um poço de elevador: uma cápsula minúscula e de aparência frágil que deve ser tão antiga quanto o próprio edifício, tão antiga que me pergunto se ainda está em uso. Há um vestígio rançoso de fumaça de cigarro no ar. Ainda assim, é tudo bem chique, muito, muito diferente de onde eu estava morando em Brighton.

Há uma porta à minha esquerda: *Cave*, está escrito. Nunca deixei que uma porta ficasse fechada por muito tempo. Acho que poderia dizer que esse é o meu principal problema na vida. Dou um empurrão e vejo um lance de escadas que leva para baixo. Sou atingida por uma lufada de ar frio subterrâneo, úmido e mofado.

Então ouço um barulho em algum lugar acima. Um rangido de madeira. Deixo que a porta se feche e olho para o alto. Alguma coisa se move ao longo da parede vários andares acima. Espero para ver alguém aparecer na curva, entre as brechas dos corrimões. Mas a sombra para, como se esperasse por algo. E então, de repente, tudo escurece: a contagem do temporizador deve ter se encerrado. Acendo a luz novamente.

A sombra se foi.

Vou até o elevador. É definitivamente antigo, mas estou exausta demais para sequer pensar em arrastar minhas coisas escada acima. Eu e a mala mal cabemos ali dentro. Fecho a portinhola, aperto o botão do terceiro andar e apoio a mão na estrutura para me equilibrar, mas ela cede, e eu logo recolho o braço. Há um pequeno estremecimento quando o elevador começa a se mover; prendo a respiração.

Começo a subir... Em cada andar há uma porta marcada com um número de latão. Será que há apenas um apartamento por andar? Devem ser enormes. Visualizo estranhos adormecidos atrás daquelas portas. Fico imaginando quem mora ali, como são os vizinhos de Ben. E me pergunto em qual apartamento mora o idiota com quem esbarrei no portão.

O elevador para no terceiro andar. Saio, puxando a mala. Aqui está: o apartamento de Ben, com seu número três de latão.

Bato forte algumas vezes.

Nada.

Eu me agacho e examino o buraco da fechadura. É antiga, do tipo mais fácil do mundo de arrombar. Não vai ter jeito. Tiro minhas argolas da orelha e estico o metal fino — a conveniência das bijuterias baratas —, formando duas tiras compridas. Faço um tensor e uma gazua. Na verdade, Ben me ensinou isso quando éramos pequenos, então ele não pode reclamar. Acabei ficando tão boa nisso que consigo abrir uma fechadura simples em menos de um minuto.

Movimento os brincos para a frente e para trás na fechadura até ouvir um clique e, em seguida, empurro a maçaneta para baixo. Sim, a porta começa a se abrir. Eu paro. Tem alguma coisa errada. Ao longo dos anos, tive que aprender a confiar muito nos meus instintos. Também já estive em uma situação como essa. Segurando a maçaneta da porta, sem saber o que vou encontrar do outro lado…

Respiro fundo. Por um momento, parece que o ar se contrai ao meu redor. Eu me pego segurando o pingente do meu colar. É uma medalhinha de São Cristóvão: mamãe deu uma para mim e uma para Ben, para nos proteger, por mais que isso fosse função dela e não devesse ter sido terceirizada para um santinho de metal. Não sou religiosa e não sei bem se mamãe era. Ao mesmo tempo, não me imagino sem a minha medalhinha.

Com a outra mão, empurro a porta. Sem conseguir evitar, mantenho os olhos bem fechados ao entrar no apartamento.

Está um breu.

— Ben? — chamo.

Nada.

Dou um passo à frente e tateio em busca de um interruptor. As luzes se acendem, revelando o apartamento. A primeira coisa que me vem à cabeça é: Caramba, é enorme. Maior do que eu esperava. Mais grandioso. Pé-direito alto. Vigas de madeira escura no alto, as tábuas do assoalho polidas, janelas enormes voltadas para o pátio.

Dou mais um passo. Ao fazer isso, algo cai sobre meus ombros: um golpe forte e contundente. Em seguida, a dor de algo afiado, rasgando minha pele.

CONCIERGE

Portaria

Poucos minutos depois da batida, observei pelas janelas do meu alojamento a primeira pessoa entrar, com o capuz cobrindo a cabeça. Então vi a segunda. A recém-chegada, a garota. Arrastando aquela mala enorme pelos paralelepípedos do pátio, fazendo barulho suficiente para acordar os mortos.

Eu a observei pela tela do interfone até ele parar de tocar.

Sou uma boa observadora. Varro os corredores dos residentes, pego as correspondências, atendo a porta. Mas também observo. Vejo tudo. E isso me dá um estranho tipo de poder, mesmo que eu seja a única que sabe disso. Os moradores se esquecem de mim. Para eles é conveniente imaginar que não sou nada além de uma extensão deste prédio, apenas uma parte móvel de uma grande máquina, como o elevador que os leva até seus belos apartamentos. De certa forma, tornei-me parte deste lugar. Ele de fato deixou sua marca em mim. Tenho certeza de que os anos morando neste cubículo me fizeram encolher, encurvar a postura; emagreci com as horas gastas varrendo e esfregando os corredores e as escadas do prédio. Talvez em outra vida eu tivesse engordado na velhice. Não tive esse luxo. Sou toda tendões e ossos. E sou mais forte do que pareço.

Suponho que poderia ter ido até lá e a impedido. Deveria ter feito isso. Mas o confronto não faz meu estilo. Aprendi que observar é a arma mais

poderosa. E a presença dela ali me parecia inevitável. Eu reparei em sua determinação. Ela teria encontrado uma maneira de entrar, não importava o que eu fizesse para tentar impedi-la.

Garota estúpida. Teria sido muito, muito melhor se ela tivesse dado meia-volta e ido embora deste lugar para nunca mais voltar. Mas agora é tarde demais. Paciência.

Após os best-sellers *A última festa* e *A lista de convidados*, também lançados pela Intrínseca, Lucy Foley agora apresenta uma trama instigante sobre uma jovem inglesa que vai à França em busca de um recomeço. Sozinha, sem emprego e sem dinheiro, Jess pede abrigo ao meio-irmão, Ben, que não parece muito animado para recebê-la em seu apartamento em Paris.

Quando chega à cidade, Jess descobre que o irmão mora em um lugar que ela jamais imaginaria que ele teria condições de pagar. E o mais intrigante: embora a carteira e as chaves estejam ali, não há nenhum sinal do rapaz.

Quanto mais tempo o irmão continua desaparecido, mais Jess tenta seguir seus passos e mais perguntas surgem em sua mente. Os vizinhos formam um grupo bem eclético, mas não são exatamente amigáveis, e em pouco tempo aquela investigação coloca a jovem em situações cada vez mais delicadas.

Em meio à sua busca cada vez mais misteriosa e sem saber em quem confiar, Jess acaba construindo relações diversas com os moradores. Mas em um prédio em que as paredes parecem ter segredos sufocados e olhos sempre atentos, a desconfiança pode ultrapassar as raias da paranoia. Ela pode até ter ido para Paris com a intenção de escapar do passado, mas talvez o futuro de seu irmão é que esteja em jogo. Todos são vizinhos. Todos são suspeitos. E todos têm algo a esconder.

SAIBA MAIS:

www.intrinseca.com.br/livro/1175/